

A vida em Sheikh Jarrah tornou-se uma “grande prisão” sob o cerco israelense

Via [Middle East Eye](#)

Na área fechada de Karm al-Jaouni, na vizinhança de Sheikh Jarrah, os residentes palestinos descrevem a vida sob uma ameaça perpétua de expulsão forçada como sendo semelhante à prisão em suas próprias casas, sob constante escrutínio israelense e restrição de movimento.

Os blocos de cimento se encontram com visitantes quando se aproximam do bairro, com as forças policiais israelenses negando a entrada a não-residentes. A única opção que resta para aqueles que desejam entrar na área é navegar pelos telhados e chegar ao coração de Karm al-Jaouni, onde as famílias são ameaçadas de remoção de suas casas para dar lugar aos colonos israelenses.

Os colonos que ocupam a casa da família Ghawi desde 2009 estão, em alerta, em frente ao posto avançado em todos os momentos. Enquanto isso, os residentes palestinos tentam descansar durante o dia em antecipação aos novos ataques dos colonos em torno do pôr-do-sol.

Atrás do portão da casa de Saleh Diab, fragmentos de vidro e pedras de diferentes tamanhos lançados pelos colonos em ataques diários são espalhados ao redor do pátio. As forças israelenses também atacam regularmente a casa, sob o pretexto de que ativistas de solidariedade visitantes atacam o posto avançado dos colonos em frente, deixando para trás restos de granadas de atordoamento e latas de gás lacrimogêneo.

“Tenho 51 anos de idade, mas parece que vivi mil anos de preocupação”, diz Diab ao Middle East Eye. As crianças

palestinas se sentem 'abandonadas pelo mundo' depois que Israel demoliu suas casas."

"Tenho sofrido todos os dias com as medidas de ocupação israelense desde que fiz 17 anos". Fui detido cerca de 20 vezes desde então, e expulso do Xequé Jarrah cinco vezes".

A exaustão está gravada no rosto de Diab, cuja casa está cercada por três postos avançados de colonos. O primeiro, de frente para sua casa, pertencia à família Ghawi antes de ser tomado à força pelos colonos sob a proteção das forças israelenses. O segundo, localizado à direita, é a casa da família curda, que foi parcialmente ocupada por colonos. No entanto, é o terceiro posto avançado que é o mais problemático para a família. Situado bem atrás de sua casa está o santuário sagrado de Shimeon al-Siddiq (fundador da tribo israelita de Simeon), que muitos judeus visitam para realizar os ritos Talmúdicos.

Diab diz que uma semana depois que a família Ghawi foi removida à força de sua casa em 2009, oito outras famílias no Sheikh Jarrah receberam ordens de despejo em benefício dos colonos.

"Desde aquele dia, temos vivido em condições trágicas, sem segurança e estabilidade", diz Diab.

"A coisa mais difícil que tenho enfrentado desde então são as repetidas perguntas de meus filhos sobre nosso destino após o despejo, seu futuro acadêmico e outras respostas para as quais não consigo encontrar as respostas".

Em 16 de maio, depois de um incidente suspeito de roubo de carro, a polícia israelense colocou blocos de cimento em três locais da vizinhança, com as forças policiais militares ocupando os postos em todos os momentos. Desde então, Diab tem sido forçado a manter sua identificação pessoal quando está fora, caso precise ir à mercearia na entrada do bairro.

“Os postos de segurança permanentes transformaram nossas vidas num inferno”, diz ele.

“Nós nos tornamos prisioneiros em nossa própria casa, pois eles impedem a entrada de não-residentes no bairro, forçando-nos a apresentar nossas identificações e fazendo-nos perguntas, como um interrogatório, sempre que precisamos sair ou entrar”.

Diab fica de pé guardando sua casa até o nascer do sol, antes que seu irmão assuma a guarda com medo de um ataque repentino dos colonos.

“Temo a recorrência do que aconteceu com a família Dawabsheh quando os colonos queimaram sua casa na aldeia de Duma enquanto dormiam”, diz ele, em referência ao ataque de 2015 que matou um casal palestino, seu filho de 18 meses, e deixou Ahmed Dawabsheh, de quatro anos, gravemente queimado.

De vez em quando, Diab vai até o portão de ferro, com uma perna fraturada pelas forças israelenses durante os ataques de maio, para inspecionar a situação na rua e conversar com os vizinhos antes de voltar para casa.

“Nesta casa, há 23 membros da família Diab, incluindo 11 crianças, vivendo um presente duro e seu futuro é sombrio”.

“Esta é minha casa”

Na casa da família Ghousheh, Maysoun e suas duas filhas sentam-se com três homens que haviam conseguido entrar sorrateiramente no bairro para oferecer solidariedade.

Maysoun, que vive em Sheikh Jarrah desde 1990, diz a MEE que depois que seu vizinho Um Kamel al-Kurd foi expulso de sua casa em 2008, todos os moradores têm vivido o pesadelo do deslocamento forçado.

“Todos os dias começo minha manhã esperando que o pior aconteça”, diz ela, sua voz rachando de angústia.

“As autoridades de ocupação impediram minha família de me visitar, e a única vez que tentei visitá-las, soldados israelenses que guardavam um dos postos de segurança nos atacaram violentamente dentro de nosso carro”.

O posto militar se aproximava dia após dia da casa de Maysoun.

Dois soldados israelenses se colocaram no portão enquanto a equipe da MEE estava dentro de casa e até pediram para ver a identificação de Maysoun, que ela se recusou a mostrar, dizendo em hebraico: “Esta é minha casa, e não preciso mostrar nenhuma prova”.

Maysoun diz que a situação tem sido particularmente difícil para sua filha mais nova, Mayar, que se recusou a ir à escola por duas semanas por medo de que não lhe fosse permitido voltar para sua casa.

Maysoun diz a MEE que a criança de 11 anos foi recentemente encaminhada à assistente social da escola, pois sofre de angústia psicológica, inclusive insônia, devido aos desenvolvimentos na vizinhança.

Mayar olha para sua mãe, vira-se, abre o portão principal, dá uma olhada rápida em volta e mergulha de volta para dentro de casa.

Depois que as forças israelenses fecharam as portas de Sheikh Jarrah, Mayar diz que ela se dedicou a comprar doces e bebidas frias para vender aos moradores do bairro.

“O cerco me levou a abrir uma pequena mercearia em nossa casa”, diz ela.

Aspirantes a jornalistas

Fora da casa de Ghousheh, Nufuth Hammad, de 14 anos, perambula pelas ruas com um bloco de notas e uma caneta, recolhendo os testemunhos dos anciãos de Sheikh Jarrah sobre suas vidas passadas e presentes na vizinhança.

Apesar de ter sido detida no mês passado, Hammad caminha confiante e sem medo dos colonos armados e das forças israelenses, que patrulham as ruas 24 horas por dia.

“Estou plenamente consciente de que posso ser presa a qualquer momento porque nossos movimentos são restritos, mesmo dentro da própria vizinhança”, diz ela ao MEE.

Hammad foi detida depois que um colonizador apresentou uma queixa contra ela por pintar bandeiras palestinas no rosto das crianças e ouvir uma canção sobre Jerusalém com seus amigos, dizendo que tais canções são poluição sonora e que ela não deveria ser autorizada a glorificar a bandeira palestina enquanto vivia em terras israelenses.

A polícia israelense interrogou Hammad por várias horas antes de libertá-la.

A família Hammad foi deslocada à força da cidade de Haifa durante a Nakba, ou Catástrofe, em 1948. A família se mudou para Karm al-Jaouni em 1956 como parte de uma iniciativa da Jordânia e da agência da ONU para refugiados palestinos para assentar 28 famílias em Jerusalém, em troca de seus documentos UNRWA.

As famílias selecionadas receberam unidades habitacionais, construídas pelo governo jordaniano, durante três anos, após os quais a propriedade foi transferida para elas.

O avô de Hammad, Aref, membro do Comitê de Unidades Habitacionais para Refugiados de Sheikh Jarrah, diz que 160 residentes receberam ordens de despejo nos últimos meses, incluindo 46 crianças vindas de 12 famílias diferentes.

De acordo com Aref, há 28 famílias estendidas de refugiados, compostas de 500 membros no total, vivendo em uma área de 18 “dunums” em Karm al-Jaouni.

De volta à casa da família Ghousheh, Mayar, de 11 anos,

reflete sobre os acontecimentos recentes e o terrível impacto que eles tiveram sobre ela, física e emocionalmente.

“Minha vida mudou completamente nos últimos meses. Fui ferida várias vezes nos ataques diários pelas forças policiais e colonos, e granadas de gás atordoante e lacrimogêneo destruíram nossas janelas”, diz ela.

“Tenho suportado muitas coisas pelas quais não devo passar enquanto criança”.